

Em virtude da edição da Editora Record estar fora de catálogo, decidiu-se por uma seleção nominal dos poemas que constam na edição citada e que poderão ser consultados em outras edições. Cumpre esclarecer que na referida edição de **Poemas negros (2007)**, além dos poemas do livro homônimo, encontram-se mais três livros: **Novos poemas, Poemas escolhidos e Livro de sonetos**.

Para o vestibular de 2017 são leitura obrigatória os seguintes poemas:

I - Novos poemas

Essa negra Fulô
Comidas
Santa Rita Durão
Minha sombra
Flos Sanctorum
Meus olhos
Cantigas

II – Poemas escolhidos

Nordeste
Enchente
O filho pródigo
Poema relativo
Mulher proletária
Poema do nadador
Poema à bem-amada

III – Poemas Negros

Bicho encantado
Banguê
História
Democracia
Retreta do vinte
Quichimbi sereia negra
Zefa lavadeira
Benedito Calunga
Ladeira da Gamboa
Passarinho cantando
Exu comeu tarubá
Ancila negra
O banho das negras
Cachimbo do sertão
Obambá é batizado
Poema de encantação
Rei é Oxalá, rainha é Iemanjá
Foi mudando, mudando

Janaína
Quando ele vem
Xangô
Pra donde que você me leva
Maria Diamba
Olá! Negro

IV – Livro de sonetos¹

Os seus enfeites
Apenas eu te aceito, não te quero
Sinto-me salivado pelo Verbo
Vereis que o poema cresce independente
Este poema de amor não é lamento
Nas noites enlustradas cabeleiras
Nas noites enlustradas as olheiras

¹ Os sonetos foram dispostos considerando os seus primeiros versos.

JORGE DE LIMA

NOVOS POEMAS

POEMAS ESCOLHIDOS

POEMAS NEGROS

LIVRO DE SONETOS

© by Editora Nova Aguilar S.A.

Rua Dona Mariana, 250, casa I — Botafogo

CEP: 22280-020 - Rio de Janeiro, RJ

Tel/Fax: 537-7189 - 537-8275

Capa:

Victor Burton

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

L698n

Lima, Jorge de, 1893-1953

Novos poemas ; Poemas escolhidos ; Poemas
negros / Jorge de Lima. — Rio de Janeiro :
Lacerda Ed., 1997.

ISBN 85-7384-003-X

1. Poesia brasileira. I. Título : Novos poemas. II.
Título : Poemas escolhidos. III. Título : Poemas
negros.

97- 0481

CDD 869.91

CDU 869.0(81)-1

NOTA EDITORIAL

A trajetória da poesia de Jorge de Lima pode ser dividida em quatro fases, com mais clara ou mais sutil diferenciação. Nascido em 1893, a primeira feição do poeta alagoano — nos poemas dispersos ou nos do livro de estréia, *XIV alexandrinos* — é a de um ortodoxo neoparnasiano. A influência de Bilac é evidente, sobretudo nas chaves de ouro, com a antítese característica: “Mudo que quer ter voz e ao ter voz quer ser mudo!”; “A Ciência que sonha e o verso que investiga.”; “O rir bom de Jesus e o riso mau de Judas.”, etc. Curiosamente, em um soneto de 1913, “Meu decassílabo”, descobrimos, na mesma época, a mais direta influência de Augusto dos Anjos: “Como às vezes no Bom surge uma inata / E atávica tendência de ser fera...”; — “Herdeiro dos pavores do Selvagem / E dos vícios, das dores, das desgraças / Originárias de milhões de raças...”

Em 1925, subitamente, acontece a adesão ao Modernismo, com o poema “O mundo do menino impossível”, republicado em *Poemas*, em 1927. Neste livro, assim como em *Novos poemas*, de 1929, *Poemas escolhidos*, de 1932, e *Poemas negros*, só reunidos em 1947, encontramos a segunda fase, ortodoxamente modernista, de Jorge de Lima. A temática regional, o coloquialismo da língua, o folclorismo, a enumeração de um léxico típico, do topomínico ao onomástico e ao culinário, caracterizam o estilo dessa segunda fase, marcada também por um constante interesse temático pelo elemento negro, que a singulariza em relação a diversas individualidades poéticas então preocupadas com uma redescoberta do Brasil, por mais distante que tudo isso esteja, paradoxalmente, do que pelo resto do mundo significou a expressão “modernismo”.

Em *Tempo e eternidade*, de 1935, escrito em parceria com Murilo Mendes, aparece o católico militante, que dominaria a terceira fase. Há um sopro bíblico claramente identificado, uma caudal claudeliana, neste livro, assim como no que lhe sucede, *A túnica inconsútil*, de 1938, ao lado de uma sensível aproximação ao Surrealismo.

Em *Anunciação e encontro de Mira-Celi*, esse elemento surrealista, mais universal e — ainda que totalmente católico — menos explicitamente militante, dá início ao que poderíamos caracterizar como quarta e última fase. Estas características — o uso cada vez maior do inconsciente, o universalismo e a aproximação da poesia pura — se radicalizariam nas duas últimas obras, o *Livro de sonetos*, de 1949, e o enorme conjunto lírico de *A invenção de Orfeu*, de 1952.

Na presente edição, reunindo os *Novos poemas*, *Poemas escolhidos* e *Poemas negros*, encontrará o leitor a feição mais típica do Jorge de Lima da segunda fase, o regionalista e folclorista, que conquistou todo o Brasil com a sua irresistível “Negra Fulô”.

Os Editores

NOVOS POEMAS

A

Isolina

e Heráclito Belfort

Gomes de Sousa

ESSA NEGRA FULÔ

Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no banguê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
— Vai forrar a minha cama,
pentear os meus cabelos,
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negrinha Fulô
ficou logo pra mucama,
para vigiar a Sinhá
pra engomar pro Sinhô!

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)

vem me ajudar, ó Fulô,
vem abanar o meu corpo
que eu estou suada, Fulô!
vem coçar minha coceira,
vem me catar cafuné,
vem balançar minha rede,
vem me contar uma história,
que eu estou com sono, Fulô!

Essa negra Fulô!

“Era um dia uma princesa
que vivia num castelo
que possuía um vestido
com os peixinhos do mar.
Entrou na perna dum pato
saiu na perna dum pinto
o Rei-Sinhô me mandou
que vos contasse mais cinco.”

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Vai botar para dormir
esses meninos, Fulô!
“Minha mãe me penteou
minha madrastra me enterrou
pelos figos da figueira
que o Sabiá beliscou.”

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Fulô? Ó Fulô?

(Era a fala da Sinhá
chamando a Negra Fulô.)

Cadê meu frasco de cheiro
que teu Sinhô me mandou?

— Ah! foi você que roubou!

Ah! foi você que roubou!

O Sinhô foi ver a negra
levar couro do feitor.

A negra tirou a roupa.

O Sinhô disse: Fulô!

(A vista se escureceu
que nem a negra Fulô.)

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?

Cadê meu lenço de rendas
cadê meu cinto, meu broche,
cadê meu terço de ouro
que teu Sinhô me mandou?

Ah! foi você que roubou.

Ah! foi você que roubou.

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

O Sinhô foi açoitar
sozinho a negra Fulô.

A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
nuinha a negra Fulô

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que nosso Senhor me mandou?
Ah! foi você que roubou,
foi você, negra Fulô?

Essa negra Fulô!

COMIDAS

Comer efô,
pimenta, jiló!
Iaiá me coma,
sou quimbombô!
Cobrei sustância
com mocotó!
Iaiá me diga,
nessa comida
você botou
mulata em pó?

Iaiá me coma
sou quimbombô!

Ai Bahia de Todos os Santos,
até nos pecados das comidas,
você botou nome santo?

Papos-de-anjo,
Peitinhos-de-freira,
Quindins-de-convento,
Fatias-da-sé!

Ai! Bahia de Todos os Santos,
o poema das suas comidas
foi São Benedito quem lhe ensinou?

Baba-de-moça,

Olho-de-sogra,
Levanta-marido,
Fatias-paridas,
Trouxinhas, Suspiros,
e Mimos-do-céu!

Bahia, estas comidas têm mandinga!
Bahia, esse tempero tem mocó!
Lá vem tabuleiro!
Cocadas, pipocas!
Lá vem verdureiro:
Pimenta, jiló!
Lá vem Frei Tomé:
Barriga-de-freira,
Toicinho-do-céu!

Bênção, Frei Tomé!
Moqueca, dendê,
Arroz com efó,
Pimenta, jiló!

Me coma Iaiá
que eu sou quimbombô!
que eu sou quimbombô!

Lá vem tabuleiro
de amendoim!
Comidas gostosas
mexidas por mim!

Me compre Iaiá
por São Bom Jesus
Senhor do Bonfim!

SANTA RITA DURÃO

Durão! que apelido bom para um caboclo pachola,
caboclo de bagaceira ou cangaceiro do sertão,
capaz de bancar Caramuru no bando de Lampião!

Mas teu Brasil, Caramuru, não tem sertão,
nem sul, nem norte, nem no teu mato
há catolé, oiticoró, cabaço de marimba, barbatimão!

Nas tuas roças não tem banana-samburá,
não tem mandioca-gomo-roxo, não tem feijão mulatinho,
não tem nada, São Durão!

Nos teus caminhos não há malmequeres,
flor-de-relógio, vassoura-de-botão,
não há, São Durão,
essa florzinha espia-caminho que moça não pode ver!

As tuas semanas-santas não têm flores-de-quaresma
para alegrar Nossa Senhora que perdeu Nosso Senhor!
As tuas frutas são como essas frutas de cera
(enfeites de certas mesas).

As tuas caatingas não têm burras-leiteiras
que dão leite,
não têm pau-sangue que verte sangue,
que nem cabocla, todas as luas,
não têm peitinhos de jaracatiás,
não têm beijos de maracujás-de-estalo,

não têm imbés
chupando troncos de baraúnas tão grossas,
tão pretas como pretas-minas!

E os teus quintais não têm, plantado
num caco de panela,
um pé de saudade roxa, pra o enterro dos manezinhos
que se não morressem (quem sabe, São Durão?),
poderiam ser cangaceiros do grupo de Lampião.

E agora,

agora vão ser anjinhos pra glória de Deus!

Amém!

MINHA SOMBRA

De manhã a minha sombra
com meu papagaio e o meu macaco
começam a me arremedar.

E quando eu saio
a minha sombra vai comigo
fazendo o que eu faço
seguindo os meus passos.

Depois é meio-dia.
E a minha sombra fica do tamaninho
de quando eu era menino.

Depois é tardinha.
E a minha sombra tão comprida
brinca de pernas de pau.

Minha sombra, eu só queria
ter o humor que você tem,
ter a sua meninice,
ser igualzinho a você.

E de noite quando escrevo,
fazer como você faz,
como eu fazia em criança:
Minha sombra
você põe a sua mão
por baixo da minha mão,
vai cobrindo o rascunho dos meus poemas
sem saber ler e escrever.

FLOS SANCTORUM

Santa Bárbara que nos livra do corisco.

São Bento que cura mordida de cobra,

São Gonçalo casador.

São Jorge que me cedeu o seu nome

pra meu pai me batizar,

que escolheu o seu dia

pra eu chegar nesse mundo,

que só não me deu seu cavalo

porque o pobre do bichinho

não podia descer da lua!

Pulei tanta tacha de engenho,

passsei tanta correnteza,

conheci tanto perau fundo!

E você, meu anjo-da-guarda,

nunca me disse seu nome,

pra eu fazer um poeminha pra você!

MEUS OLHOS

Nossa Senhora, minha madrinha,
tu vês as coisas verdes, não é?
Meus olhos pretos, coitados deles!
Teus olhos verdes, felizes deles,
minha madrinha, Nossa Senhora da Conceição!

Nossa Senhora, dá-me teus olhos
para eu ver com eles meus pobres olhos.
Coitados deles, minha madrinha,
só vêem as coisas como elas são.

Nossa Senhora, minha madrinha
pinta meus olhos, que eu quero ver
verdes os dias que inda virão.
Nossa Senhora, minha madrinha,
tu vês as coisas verdes, não é?

Teus olhos verdes, felizes deles!
Meus olhos pretos, cor de carvão!
Nossa Senhora, minha madrinha,
tu vês meus olhos como eles são?

CANTIGAS

As cantigas lavam a roupa das lavadeiras.
As cantigas são tão bonitas,
que as lavadeiras ficam tão tristes, tão pensativas!

As cantigas tangem os bois dos boiadeiros! —
Os bois são morosos, a carga é tão grande!
O caminho é tão comprido que não tem fim.
As cantigas são leves...
E as cantigas levam os bois,
batem a roupa
das lavadeiras.

As almas negras pesam tanto, são
tão sujas como a roupa, tão pesadas
como os bois...
As cantigas são tão boas...
Lavam as almas dos pecadores!
Levam as almas dos pecadores!

POEMAS ESCOLHIDOS

(1925 a 1930)

NORDESTE

Nordeste, terra de São Sol!

Irmã enchente, vamos dar graças a Nosso Senhor,
que a minha madrastra Seca torrou seus anjinhos
para os comer.

São Tomás passou por aqui?

Passou, sim senhor!

Pajeú! Pajeú!

Vamos lavar Pedra Bonita, meus irmãos,
com o sangue de mil meninos, amém!

D. Sebastião ressuscitou!

S. Tomé passou por aqui?

Passou, sim senhor.

Terra de Deus! Terra de minha bisavó
que dançou uma valsa com D. Pedro II.

São Tomé passou por aqui?

Tranca a porta, gente, Cabeleira aí vem!

Sertão! Pedra Bonita!

Tragam uma virgem para D. Lampião!

ENCHENTE

— Por que as jandaias e os periquitos estão gritando como os
[meninos do Grupo, na hora de vadiar?
— É uma cabeça de enchente que veio ontem de tardei
E o rio deu pra falar grosso
e bancar Zê-pabulagem:
— “Não duvide que eu levo
a sua almofada de fazer renda, minha velha!”

E o rio cresceu. Entrou na camarinha
e lá se foi com a almofada da velha!
— “Deus te favoreça, meu filho,
você, ainda outro dia, era tão manso,
lavava até os pratos de minha cozinha!”

— “Não duvide, seu canoeiro
que eu emborco a sua canoa!”
E rodou com o canoeiro
e virou a canoa mesmo.
E entrou nos fundos das casas
e saiu nas portas da rua.
Subiu no olho da ingazeira,
tirou ingá e comeu.
Pulou das pedras embaixo,
espumando como um doido.
Fez até medo às piabas, que correram
pra os barreiros.

Só os meninos estão satisfeitos:

— “Deus permita que o rio encha mais!”

— “Deus permita que o rio encha mais!”

Quando o rio entrar na rua,

as salas de visita serão banheiros.

Eles deitarão barquinhos de cima das janelas,

e a professora fechará a escola!

— “Deus permita que o rio encha mais!”

— “Deus permita que o rio encha mais!”

O FILHO PRÓDIGO

Nas engrenagens das fábricas
bolem como vermes — dedos decepados de operários.
Há intestinos rotos de crianças
nos vaivéns do correame das oficinas.
A cor e a alegria das moças empregadas
dissolvem-se na algazarra monótona dos teares.
O avião comeu a saudade das mães
que a distância separou dos filhos vagabundos.
Há máquinas que cegam os adolescentes
ansiosos de ver o progresso do mundo.

Um homem teve medo de enlouquecer
perseguido pela força e pelo orgulho
das máquinas assassinas.

Cadê a luz trêmula de vela
pra alumiar o meu poema antigo?
O lirismo perdeu a sua liturgia.

As lâmpadas Osram velam funebremente a poesia.
Ah! que existe uma tristeza na terra
que nem lágrimas produz
de sua esterilidade tão seca.

Eu sou um corpo distraído.

Bóiam os meus olhos pelas superfícies.
Mas os meus olhos correm mais perigo

do que se andassem em acrobacias contemplativas
pulando no céu alto, perto das estrelas.

Vovozinha, venho de longe,
ando há muitos séculos a pé.

Ensina-me de novo a ficar de joelhos,
que já é tarde e eu quero me deitar.

POEMA RELATIVO

Vem, ó bem-amada.
Junto à minha casa
tem um regato (até quieto o regato).

Não tem pássaros, que pena!
Mas os coqueiros fazem,
quando o vento passa,
um barulho que às vezes parece
bate-bate de asas.

Supõe, ó bem-amada,
se o vento não sopra,
podem vir borboletas
à procura das minhas jarras
onde há flores debruçadas,
tão debruçadas que parecem escutar.

Todos os homens têm seus crentes,
ó bem-amada:
— os que pregam o amor ao próximo
e os que pregam a morte dele.

Mas tudo é pequeno
e ligeiro no mundo, ó amada.
Só o clamor dos desgraçados
é cada vez mais imenso!

Vem, ó bem-amada.

Junto à minha casa
tem um regato até manso.
E os teus passos podem ir devagar
pelos caminhos:
aqui não há a inquietação
de se atravessar o asfalto.

Vem, ó bem-amada,
porque, como te disse,
se não há pássaros no meu parque,
pode ser, se o vento
não soprar forte,
que venham borboletas.
Tudo é relativo
e incerto no mundo.
Também tuas sobrancelhas
parecem asas abertas.

MULHER PROLETÁRIA

Mulher proletária — única fábrica
que o operário tem, (fábrica de filhos)
tu
na tua superprodução de máquina humana
forneces anjos para o Senhor Jesus,
forneces braços para o senhor burguês.

Mulher proletária,
o operário, teu proprietário
há de ver, há de ver:
a tua produção,
a tua superprodução,
ao contrário das máquinas burguesas
salvar teu proprietário.

POEMA DO NADADOR

A água é falsa, a água é boa.

Nada, nadador!

A água é mansa, a água é doida,

aqui é fria, ali é morna,

a água é fêmea.

Nada, nadador!

A água sobe, a água desce,

a água é mansa, a água é doida.

Nada, nadador!

A água te lambe, a água te abraça

a água te leva, a água te mata.

Nada, nadador!

Senão, que restará de ti, nadador?

Nada, nadador.

POEMA À BEM-AMADA

Amada, não penses,
escutemos a chuva que o inverno chegou.
Sejamos as árvores que Deus semeou
sem nunca O ouvir, sem nunca O olhar
serenos, morramos sem nos separar.

Renunciemos, amada, os vãos pensamentos,
cumpramos apenas a lei do Senhor
sem nunca O ouvir, sem nunca O tocar,
sem nunca duvidar, duvidar, duvidar.

Soframos, amada, sem nos lamentar.
Sejamos as árvores que Deus esqueceu,
que o vento abalou e o raio abateu.

Amada! Amada!
Bem-aventurado quem já morreu.
Escutemos a chuva,
que a chuva é de Deus!

POEMAS NEGROS

BICHO ENCANTADO

Este bicho é encantado:

não tem barriga,
não tem tripas,
não tem bofes,
não é maribondo,
não é mangangá,
não é caranguejeira.
Que é que é Janjão?

É a Estrela-do-mar que quer me levar.

Só tem olhos,
só tem sombra.
Babau!

Não é jimbo,
não é muçum,
não é sariema.

Que é que é Janjão?

É a Estrela-do-mar que quer me afogar.

Esse bicho é encantado:

não quer de-comer,
não quer munguzá,
não quer caruru,
não quer quigombô.

Só quer te comer.

Que é que é Janjão?

É a Estrela-do-mar que quer me esconder.

Babau!

BANGUÊ

Cadê você meu país do Nordeste
que eu não vi nessa Usina Central Leão de minha terra?
Ah! Usina, você engoliu os banguinhos do país das Alagoas!
Você é grande, Usina Leão!
Você é forte, Usina Leão!
As suas turbinas têm o diabo no corpo!
Você uiva!
Você geme!
Você grita!
Você está dizendo que U.S.A é grande!
Você está dizendo que U.S.A. é forte!
Você está dizendo que U.S.A. é única!
Mas eu estou dizendo que V. é triste
como uma igreja sem sino,
que você é mesmo como um templo evangélico!
Onde é que está a alegria das bagaceiras?
O cheiro bom do mel borbulhando nas tachas?
A tropa dos pães de açúcar atraindo arapuás?
Onde é que mugem os meus bois trabalhadores?
Onde é que cantam meus caboclos lambanceiros?
Onde é que dormem de papos para o ar os bebedores de resto
[de alambique?
E os senhores de espora?
E as sinhás-donas de cocó?
E os cambiteiros, purgadores, negros queimados na fomalha?
O seu cozinhador, Usina Leão, é esse tal Mister Cox que tira
[da cana o que a cana não pode dar
e que não deixa nem bagaço

com um tiquinho de caldo
para as abelhas chupar!
O meu banguzinho era tão diferente,
vestidinho de branco, o chapeuzinho do telhado sobre os olhos,
fumando o cigarro do boeiro pra namorar a mata virgem.
Nos domingos tinha missa na capela
e depois da missa uma feira danada:
a zabumba tirando esmola para as almas;
e os cabras de faca de ponta na cintura,
a camisa por fora das calças:
“Mão de milho a pataca!”
“Carretel marca Alexandre a doistões!”
Cadê você meu país de banguês
com as cantigas da boca da moenda:
“Tomba-cana João que eu já tombei!”
E o eixo de maçaranduba chorando
talvez os estragos que a cachaça ia fazer!
E a casa dos cobres com o seu mestre de açúcar potoqueiro,
com seu banqueiro avinhado
e as tachas de mel escumando,
escumando como cachorro danado.
E o bangüê que só sabia trabalhar cantando,
cantava em cima das tachas:
“Tempera o caldo mulher que a espuma assobe...”
Cadê a sua casa-grande, banguê,
com as suas Dondons,
com as suas Tetês,
com as suas Benbens,
com as suas Donanas alcoviteiras?
Com seus Totôs e seus Pipius corredores de cavalhada?

E as suas molecas catadoras de piolho,
e as suas negras Calus, que sabiam fazer munguzás,
manuês,
cuscuz,

e suas sinhás dengosas amantes dos banhos de rio
e de redes de franja larga!

Cadê os nomes de você, banguê?

Maravalha,
Corredor,
Cipó branco,
Fazendinha,
Burrego-d'água,
Menino Deus!

Ah! Usina Leão, você engoliu
os bangüezinhos do país das Alagoas!

Cadê seus quilombos com seus índios armados de flecha,
com seus negros mucufas que sempre acabavam vendidos,
tirando esmola para enterrar o rei do Congo?

“Folga negro
Branco não vem cá!
Si vinhê,
Pau há de levá!”

Você vai morrer, banguê!

Ainda ontem são Major Totonho do Sanharó
esticou a canela.

De noite se tomou uma caninha
pra se ter força de chorar.
E se fez sentinela.

E você, banguezinho que faz tudo cantando
foi cantar nos ouvidos do defunto:

“Totonho! Totonho!

Ouve a voz de quem te chama
vem buscar aquela alma
que há três dias te reclama!”

Bangüê! E eu pensei que estavam
cantando nos ouvidos de você:

Banguê! Banguê!

Ouve a voz de quem te chama!”

HISTÓRIA

Era princesa.

Um libata a adquiriu por um caco de espelho.

Veio encangada para o litoral,
arrastada pelos comboieiros.

Peça muito boa: não faltava um dente
e era mais bonita que qualquer inglesa.

No tombadilho o capitão deflorou-a.

Em nagô elevou a voz para Oxalá.

Pôs-se a coçar-se porque ele não ouviu.

Navio guerreiro? não, navio tumbeiro.

Depois foi ferrada com uma âncora nas ancas,

depois foi possuída pelos marinheiros,

depois passou pela alfândega,

depois saiu do Valongo,

entrou no amor do feitor,

apaixonou o Sinhô,

enciumou a Sinhá,

apanhou, apanhou, apanhou,

Fugiu para o mato.

Capitão do campo a levou.

Pegou-se com os orixás:

fez bobó de inhame

para Sinhô comer,

fez aluá para ele beber,

fez mandinga para o Sinhô a amar.

A Sinhá mandou arrebentar-lhe os dentes:

Fute, Cafute, Pé-de-pato, Não-sei-que-diga.

avança na branca e me vinga.

Exu escangalha ela, amofina ela,
amuxila ela que eu não tenho defesa de homem,
sou só uma mulher perdida neste mundão.
Neste mundão.
Louvado seja Oxalá.
Para sempre seja louvado.

DEMOCRACIA

Punhos de redes embalaram o meu canto
para adoçar o meu país, ó Whitman.
Jenipapo coloriu o meu corpo contra os maus-olhados,
catecismo me ensinou a abraçar os hóspedes,
carumã me alimentou quando eu era criança,
Mãe-negra me contou histórias de bicho,
moleque me ensinou safadezas,
massoca, tapioca, pipoca, tudo comi,
bebi cachaça com caju para limpar-me,
tive maleita, catapora e ínguas,
bicho-de-pé, saudade, poesia;
fiquei aluado, mal-assombrado, tocando maracá,
dizendo coisas, brincando com as crioulas,
vendo espíritos, abusões, mães-d'água,
conversando com os malucos, conversando sozinho,
emprenhando tudo que encontrava,
abraçando as cobras pelos matos,
me misturando, me sumindo, me acabando,
para salvar a minha alma benzida
e meu corpo pintado de urucu,
tatuado de cruzeiros, de corações, de mãos-ligadas,
de nomes de amor em todas as línguas de branco, de mouro ou
[de pagão.

RETRETA DO VINTE

O cabo mulato balança a batuta,
meneia a cabeça, acorda com a vista
os bombos, as caixas, os baixos e as trompas.

(No centro da Praça o busto de D. Pedro escuta.) —
Batuta pra esquerda: relincham clarins,
requintas, tintins e as vozes meninas da banda do 20.

Batuta à direita: de novo os trombones
e as trompas soluçam. E os bombos e as caixas: ban-ban!
Vêm logo operários, meninas, cafuzas,
mulatos, portugues, vem tudo pra ali.
Vem tudo, parecem formigas de asas
rodando, rodando em torno da luz.

Nos bancos da Praça conversas acesas,
apertos, beijocas, talvezes.

D. Pedro II espia do alto.
(As barbas tão alvas
tão alvas nem seil!)

E os pares passeiam,
parece que dançam,
que dançam ciranda,
em torno do Rei.

QUICHIMBI SEREIRA NEGRA

Quichimbi sereia negra
bonita como os amores
que tem partes de chigonga
não tem cabelos no corpo,
é lisa que nem muçum,
é ligeira que nem buru
não tem matungo e é donzela,
ao mesmo tempo pariu
jurarã sem urucaia.

Quichimbi vive nas ondas
coberta de espuma branca,
dormindo com o boto azul,
conservando a virgindade
tão difícil de sofrer.

Quichimbi segue nas ondas
dez mil anos caminhando,
dez mil anos assistindo
as terras mudar de dono,
o mar servindo de escravo
ao homem branco das terras.

Quichimbi sereia negra
bonita como os amores
dormindo com o boto azul,
não sabe de nada, não.

ZEFA LAVADEIRA

(Trecho de A mulher obscura)

Uma trouxa de roupa é um mundo animado de anáguas, de corpinhos, de fronhas, de lençóis e toalhas servis; em resumo: dos homens e suas preocupações.

E qual é a maior força desse mundo? Onde o segredo das suas atividades?

— Olha o amor, Zefa, — olha os lençóis — torna-nos semelhantes aos deuses, faz vibrar em nós o poema dos plasmas que neles se geraram. Por eles, retrocedendo pelo caminho de certas memórias obscuras, voltamos às Formas primeiras, às Energias inteligentes.

E desfazendo aquela trouxa de roupa com o desembaraço de Jeová, compondo e recompondo um caos, mostra-me peça por peça, todas aquelas forças mencionadas, lodos genésicos, ou salivas do Espírito que adejou sobre as águas.

Mas Zefa deu um muxoxo, arrepanhando as fraldas, arrastando os pés. Zefa não tinha antenas para a torrente declamatória interior de minha juventude em dias de convalescença.

Pela vereda que vinha do rio, surgiu cantarolando uma cafuza nova, com o pote à cabeça, o braço direito erguido, segurando a rodilha.

E senti-a em tudo, — na algazarra dos ramos, na toada das águas despenhadas, nos vegetais variegados como arraiais, no tumulto dos seres que sofrem, amam e se perpetuam correndo a vida.

Josefa — lavadeira, porque se julga a sós, vai despindo as belezas selvagens de ninfa cafuza.

No remanso em que bate a roupa, há bambus e ingazeiros

pelas margens. Josefa entra o caudal até as coxas morenas, a camisa arregaçada, o cabeção de crochê impelido pelos seios duros, tostados de soalheiras.

O braço valente arroja o pano contra a pedra de bater, e a axila cobre-se e descobre-se, piscando a tentação de arrochos e rendições cheias de saciedades. Aqui, toda lavadeira de roupa é boa cantaderia. A cantiga é uma corruptela de velhas toadas num tom languoroso, alimentado de sofreguidões, de desejos incontidos, e de lamentações incorrespondidas.

Depois de lavar a roupa dos outros, Zefa lava a roupa que a cobre no momento. Depois, deixa-se corando sobre o capim. Então Zefa lavadeira ensaboa o seu próprio corpo, vestido do manto de pele negra com que nasceu. Outras Zefas, outras negras vêm lavar-se no rio. Eu estou ouvindo tudo, eu estou enxergando tudo. Eu estou relembrando a minha infância. A água, levada nas cuias, começa o ensaboamento; desce em regatos de espuma pelo dorso, e some-se entre as nádegas rijas. As negras aparam a espuma grossa, com as mãos em concha, esmagam-na contra os seios pontudos, transportam-na com agilidade de símios, para os sovacos, para os flancos; quando a pasta branca de sabão se despenha pelas coxas, as mãos côncavas esperam a fugidia espuma nas pernas, para conduzi-la aos sexos em que a África parece dormir o sono temeroso de Cam.

BENEDITO CALUNGA

Benedito Calunga

calunga-ê

não pertence ao papa-fumo,

nem ao quibungo,

nem ao pé de garrafa,

nem ao minhocão.

Benedito Calunga

calunga-ê

não pertence a nenhuma ocaia nem a nenhum tati, nem
mesmo a Iemanjá,

nem mesmo a Iemanjá.

Benedito Calunga

calunga-ê

não pertence ao Senhor

que o lanhou de surra

e o marcou com ferro de gado

e o prendeu com lubambo nos pés.

Benedito Calunga

pertence ao banzo

que o libertou,

pertence ao banzo

que o amuxilou,

que o alforriou

para sempre

em Xangô.

Hum-Hum.

LADEIRA DA GAMBOA

Há uma rua que eu conheço
Rua Barão da Gamboa
tem uma ladeira de lado
com o mesmo nome da rua
nenhum barão mora lá
mas porém gente que sua
gente que sobe gente que desce
gente que vai para a vida
gente que dela vem
não há meio de dizer-se
na ladeira ninguém vem
você mesmo não se agüenta
pois a ladeira é um vaivém
parece mesmo com a vida
tem subida tem descida

Barão não

Poesia mesmo à toa
tem lama poeira buracos
tudo o que a vida possui
mas polícia não tem não
polícia lá não influi
que a vida não tem polícia
a vida é mesmo um vaivém
igualmente esta ladeira
dá na gente uma canseira
tem subida tem descida
tem mais que tudo canseira
igualmente esta ladeira

da Rua Barão da Gamboa.

Que boa.

Ladeira. Vida. Canseira. Gamboa.

PASSARINHO CANTANDO

Congos, cabindas, angolas,
também de Cacheo e de Bissao,
Maranhão, Pernambuco, Pará,
Fernando Pó, São Tomé, Ano Bom,
Serra Leoa, Serra Leoa, Serra Leoa!
Cabo Verde, Moçambique,
duas cozinheiras, três belas mucamas, óleo de coco,
(o boto também gosta de teu sangue Sudão).
Senhor Manuel Teixeira dos Santos
vem de redingote, suíças e procuração.
Ana Maria doceira de meu pai
amancebou-se com o alferes;
na segunda geração:
nem culatronas, nem pés apalhetados,
nem panos-da-costa, nem figas, nem aluá.
Na terceira nasceu Maricota, filha-de-santo,
checheré, rainha suicidou-se com fogo.
Deixou uma filha sagrada com água benta,
fechada com mandinga, branca, casada, com chácara.
Há na sua pele três estrelas marinhas, duas estrelas-d'alva,
a Lua, a Água-viva, a Fome de abraços.
Há no seu sangue:
trê moças fugidas, dois cangaceiros,
um pai-de-terreiro, dois malandros, um maquinista,
dois estourados.
Nasceu uma índia,
uma brasileira,
uma de olhos azuis,

uma primeira comunhão,
uma que deu seus cachos ao *Senhor* da Paixão,
uma que tinha ataques,
uma que foi ser freira,
uma que nasceu em Londres e é parenta do Rei.
O passarinho ficou órfão
cantando, catando penas só.

EXU COMEU TARUBÁ

O ar estava duro, gordo, oleoso:
a negra dentro da madorna;
e dentro da madorna — bruxas desenterradas.
No chão uma urupema com os cabelos da moça.
Foi então que Exu comeu tarubá
e meteu a figa na mixira de peixe-boi.
Aí na distância sem fim, moças foram roubadas,
e sóror Adelaide veio viajando de rede,
era alva ficou negra, era santa ficou lesa:
caiu na madorna, o ar duro, gordo, oleoso.
Exu começou a babar a mixira de peixe-boi,
o professor tirou o pincenê; estava traído pelo donatário,
sem barregãs, sem ginetes, sem escravos.
Aí na distância sem-fim, viajando de rede
D. Diogo de Holanda veio parar na madorna, o ar duro, gordo
[do, oleoso.
Exu começou a lambar a mixira de peixe-boi:
Isabel Lopo de Sampaio desvirginou o moleque,
jogou-se no rio, virou ingazeira, pariu três macacos.
Viajando de rede vieram três macacos parar na madorna, o ar
[duro, gordo, oleoso.
Eis aí três cirurgiões cosendo retrós,
a bela adormecida no século vindouro
que esquecerá por certo a magia
contra tudo que não for loucura
ou poesia.

ANCILA NEGRA

Há ainda muita coisa a recalcar,
Celidônia, ó linda moleca ioruba
que embalou minha rede,
me acompanhou para a escola,
me contou histórias de bichos
quando eu era pequeno,
muito pequeno mesmo.

Há mais coisa ainda a recalcar:
As tuas mãos negras me alisando,
os teus lábios roxos me bubuiando,
quando eu era pequeno,
muito pequeno mesmo.

Há muita coisa ainda a recalcar
ó linda mucama negra,
carne perdida,
noite estancada,
rosa trigueira,
maga primeira.

Há muita coisa a recalcar e esquecer:
o dia em que te afogaste,
sem me avisar que ias morrer,
negra fugida na morte,
contadeira de histórias do teu reino,
anjo negro degradado para sempre
Celidônia, Celidônia, Celidônia!

Depois: nunca mais os signos do regresso.

Para sempre: tudo ficou como um sino ressoando.

E eu parado em pequeno,
mandando e dormindo,
muito dormindo mesmo.

O BANHO DAS NEGRAS

(Início de A mulher obscura,)

Em casa de Laécio não havia álbuns. A família de meu companheiro de infância parecia não ter tradição nem história. Lembro-me que um dia, perguntando-lhe como se chamava seu avô, ele me disse:

— Morreu há muito tempo. Não me lembro como era, mas papai deve saber. Um dia pergunto.

Recordo, porém, que era, de todos os meus amigos, o que mais me atraía.

Talvez não fosse o companheiro em si, em quem, já por aquele tempo, percebia uma capacidade de mentir maior que a de todos os meus outros camaradas, e uma grande habilidade de surripiar nossos objetos escolares, selos, estampas e brinquedos. Talvez o que me atraía para Laécio fosse a sua chácara, a sua grande chácara onde devia existir a Arvore do Bem e do Mal, chácara tão tentadora para mim.

Os fundos davam para o rio. Um dia, Laécio me chamou para assistir o banho de umas negras. O espetáculo que se me oferecia não me deixou nenhuma impressão menos pura.

As negras estavam ali tomando banho, negras novas do Caípe que se lavavam debaixo dos ramos das ingazeiras arriadas sobre as águas. Abriam bandós com os cacos de pente de chifre, e como não dispunham de espelhos, ajudavam-se na tualete.

As molecas eram bonitas, ágeis e puras. Eu estava, apenas, encantado de ver corpos negros, tão diferentes dos brancos, embelezando-se ligeiros, antes de entrar nágua. Reparava que aquele banho era diferente do banho de umas parentas, que me deixaram uma vez esperando por elas, na beira do rio. As

brancarronas se penteavam depois do banho, cuidadosas, com a toalha sobre os ombros, debaixo dos cabelos soltos. Mas as molecas podiam, com uma ligeireza espantosa, se coçar, espenujar, separar com os cacos de pente o cabelo lanzudo, mergulhar na água transparente e sair outra vez sem que o cabelo se desmanchasse; a água não lhes alterava a beleza. O contraste daqueles corpos pretos e luzidios sobre a areia das margens ou sob a espuma do sabão me impressionou bastante. Nunca tinha visto espuma sobressair tanto, correndo ligeira nas costas escuras ou descendo entre os seios espigados pelo ventre abaixo. Mais ligeiros que a espuma, eram os seus braços harmoniosos. Algumas com a cara ensaboada, sem abrir os olhos para evitar a espuma, aparavam-na antes que ela se perdesse no chão. A espuma grossa voltava outra vez para debaixo das axilas ou dos ombros, esmagada de novo pelas esguias mãos. Outras se ajudavam no ensaboamento esfregando as costas das companheiras ou os lugares que os braços não atingiam. Achei lindas as negras. Achei-as ágeis, diferentes. Mas Laécio me advertira que era proibido vê-las assim nuas; e se elas soubessem que nós as espreitávamos no banho, contariam a nossos pais e estes ralhariam conosco e seríamos castigados.

CACHIMBO DO SERTÃO

Aqui é assim mesmo.

Não se empresta mulher,
não se empresta quartau
mas se empresta cachimbo
para se maginar.

Cachimbo de barro
massado com as mãos,
canudo comprido, que bom!
— Me dá uma fumaçada!

— Que coisa gostosa só é maginar!

Sertão vira brejo,
a seca é fartura,
desgraça nem há!

Que coisa gostosa só é cachimbar.

De dia e de noite, tem lua, tem viola.

As coisas de longe vêm logo pra perto.

O rio da gente vai, corre outra vez.

Se ouvem de novo histórias bonitas.

E a vida da gente menina outra vez

ciranda, ciranda debaixo do luar.

Se quer cachimbar, cachimbe são moço,
mas tenha cuidado! — O cachimbo de barro
se pode quebrar.

OBAMBÁ É BATIZADO

Pela fê de Zambi te digo:

Obambá é batizado, confirmado, cruzado e coroado.

Dá licença meu pai?

Licença venha

para os alufás de babalau.

Licença tem

o Babé de Olubá.

Licença tem.

Licença têm

cacuriquês, cacuricás.

Licença têm.

Licença tem

babalaô, babalaô.

Licença tem.

Na fê de Zambi te digo:

Obambá é batizado, confirmado e coroado.

Oxóssi está reinando: dá pra ele.

Dá pra o pai-de-sala, dá pra ele.

Ó ocaia dá pra ele.

Na fê de Zambi te digo:

Te vira em meu sangue.

Obambá é batizado, confirmado e coroado.

Dá licença meu pai?

Licença venha para outros bacuros.

Ó ocaia dá pra ele.

Dá licença meu pai?

Ó ocaia, me deixa só com meu santo,

me deixa só,

me deixa só,

dá pra ele

que Obambá é batizado, confirmado, cruzado e coroado.

Oxóssi está reinando: dá pra ele.

POEMA DE ENCANTAÇÃO

Arraial d'Angola de Paracatu,
Arraial de Mossâmedes de Goiás,
Arraial de Santo Antônio do Bamba,
vos ofereço quibebê, quiabo, quitanda, quitute, quingombô.
Tirai-me essa murrinha, esse gôgo, esse urufá,
que eu quero viver molecando, farreando, tocando meus ganzás!

Arroio dos Quilombos de Palmares,
Arroio do Desemboque do Quizongo,
Arroio do Exu do Bodocô,
vos ofereço maconha de pito, quitunde, quibembe, quingombô.

Assim, sim!

Arraial d'Angola de Paracatu,
Arraial do Campo de Goiás,
Arraial do Exu do Aussá,
vos ofereço quisama, quinanga, quilengue, quingombô.
Tomai acaçá, abará, aberém, abaú!

Assim, sim!

Tirai-me essa murrinha, esse gôgo, esse urufá!
Vos ofereço quitunde, quitumba, quelembe, quingombô.

REI É OXALÁ, RAINHA É IEMANJÁ

Rei é Oxalá que nasceu sem se criar.

Rainha é Iemanjá que pariu Oxalá sem se manchar.

Grande santo é Ogum em seu cavalo encantado.

Eu cumba vos dou curau. Dai-me licença angana.

Porque a vós respeito,

e a vós peço vingança

contra os demais aleguás e capiangos brancos.

Agô!

que nos escravizam, que nos exploram,

a nós operários africanos,

servos do mundo,

servos dos outros servos.

Oxalá! Iemanjá! Ogum!

Há mais de dois mil anos o meu grito nasceu!

FOI MUDANDO, MUDANDO

Tempos e tempos passaram
por sobre teu ser.
Da era cristã de 1500
até estes tempos severos de hoje,
quem foi que formou de novo teu ventre,
teus olhos, tua alma?
Te vendo, medito: foi negro, foi índio ou foi cristão?

Os modos de rir, o jeito de andar,
pele,
gozo,
coração...
Negro, índio ou cristão?
Quem foi que te deu esta sabedoria,
mais dengo e alvura,
cabelo escorrido, tristeza do mundo,
desgosto da vida, orgulho de branco, algemas, resgates, alforrias?
Foi negro, foi índio ou foi cristão?
Quem foi que mudou teu leite,
teu sangue, teus pés,
teu modo de amar,
teus santos, teus ódios,
 teu fogo,
 teu suor,
 tua espuma,
 tua saliva,
 teus abraços, teus suspiros, tuas comidas,
 tua língua?

Te vendo, medito: foi negro, foi índio ou foi cristão?

JANAÍNA

Janaína vive no rio,
vive no açude,
vive no mar.
Lembrou-se de vir passear:
nas ôndias passou dendê.
As ôndias se acomodaram.
Cavalo-marinho veio
para ela se amontar.
No cavalo se amontou
galopando descuidada,
acordando os afogados,
dando adeus à maré grande.
Botando nome nos peixes,
ouvindo a fala dos búzios.
No ventre de Janaína
as escamas estão brilhando.
Nos olhos de Janaína,
na cauda de Janaína
tem cem doninhas pulando.
Nos peitos de Janaína
tem dois langanhos babando.
Se Janaína sorri
as ôndias ficam banzeiras.
Se Janaína está triste.
o mar começa a espumar,
a pegar gente na praia
pra Janaína afundar.
— Janaína dá licença

que eu me afogue no seu mar?

QUANDO ELE VEM

Quando ele vem,
vem zunindo como o vento,
como mangangá, como capeta,
como bango-balango, como marimbondo.

Donde que é que ele vem?

Vem de Oxalá, vem de Oxalá,
vem do oco do mundo,
vem do assopro de Oxalá,
vem do oco do mundo.

Quer é comer.

Quer é caruru de peixe,
quer é efó de inhame,
quer é oguedé de banana,
quer é olubó de macaxeira,
quer é pimenta malagueta.

Quando ele chega, tudo fica banzando à toa,
esbodegado, enquizilado, enguiçado, enfezado.

Quando ele entra,
dá vontade na gente de embrenhar-se no mato,
de esparramar-se no chão,
de encalombar o rosto com as mãos,
de amunhecar no cansaço,
de esbanguelar os dentes nas pedras,
virar pé-de-vento,
sumir no assopro de Oxalá.

E dentro do assopro de Oxalá
virar cochicho nos ouvidos dela,
xodozar todo o santo dia,

catar cafunés invisíveis,
rolar dentro das suas anáguas,
bambeando o corpo dela,
babatando sem rumo,
amuxilado,
acuado diante das suas mungangas,
engambelado, tatambeado, fumado.

XANGÔ*

* Segunda versão.

Na noite, aziaga, na noite sem fim,
quibundos, cafuzos, cabindas mazombos
mandingam xangô.

Oxum! Oxalá. Ô! Ê!

Dois feios calungas — Taió e Oxalá rodeados de contas,
contas, contas, contas, contas.
No centro o Oxum!

Oxum! Oxalá. Ô! Ê!

Na noite aziaga, na noite sem fim
cabindas, mulatos, quibundos, cafuzos,
aos tombos, gemendo, cantando, rodando.
Senhor do Bonfim! Senhor do Bonfim!

Oxum! Oxalá. Ô! Ê!

Sinhô e Sinhá num mês ou dois mês se há de casá!
Mano e Mana! Credo manco!

No centro o Oxum
Que dois bonequinhos na rede tão bamba
Ioiô e Iaiá!
Minhas almas
santas benditas
aquelas são
do mesmo Senhor;
todas duas
todas três

todas seis

e todas nove!

Santo Onofre,

São Gurdim,

São Pagão,

Anjo Custódio,

Montserrat,

Amém,

Oxum!

Na noite aziaga, na noite sem fim

recende o fartum. Recende o fartum.

Senhor do Bonfim! Senhor do Bonfim!

Oxum! Ô! Ê!

Redobram o tantã, incensam maconha!

Sorri Oxalá!

E a preta mais nova com as pernas tremendo,

no crânio um zunzum,

no ventre um chamego

de cabra no cio... Ê! Ê!

Meu São Mangangá

Caculo

Pitomba

Gambá-marundu

Gurdim

Santo Onofre

Custódio

Ogum.

Minhas almas
santas benditas
aquelas são
do mesmo Senhor
todas duas
todas três
todas nove
o mal seja nela
casado com ele.

São Marcos, S. Manços
com o signo-de-salomão
com Ogum-Chila na mão
com três cruzeiras no surrão
S. Cosme! S. Damião!

Credo
Oxum-Nila
Amém.

PRA DONDE QUE VOCÊ ME LEVA

Julião se apoderou da melodia às 10 horas da noite em pleno *jazz*. O tema é só pretexto porque o mágico Julião — transformou o saxofone e está transformando a gente. Tudo é ritmo binário como as pernas, os braços, os olhos, os dois corações de Julião. Então o ritmo e a melodia principiaram deveras organizando um chulear de batuque e canto rotundo de cortar coração. No cume da voz está Gêge — filha de Ogum deitada se balançando; nas outras partes sonoras há outros deuses aquecendo uns aos outros. Nisso o canto esguincha do saxofone como um repuxo vermelho. Julião dobra o saxofone na pança confundindo-o com o esôfago, os olhos esbugalhados, a alma inocente subindo a Escada de Jacó para dentro de Deus. Julião treme recebendo intuições, amolengando entre uma nota e outra o feitiço pendurado *no* pescoço.

Pulam de dentro *do* escuro do saxofone mucamas lindíssimas para cada um dos fulanos, porém o poder da música é tão lavado e tão branco, é tão estrela-d'alva que as ditas nem se atrevem a se amulherar com eles. Julião está reluzente que nem esfregado com óleo de andiroba, cada vez mais requebrado, mais impoluto e transparente, as teclas fechando as válvulas de seu corpo banzeiro, o canto se espraiando unânime, parece que tem carajuru na face, o funil do aparelho está espraiado como sua boca branca, um estenderete só.

Ciscar no murundu!

Chupar caxundé!

Farrambambear por esse mundo!

Mulatear pelas senzalas brancas!

Mocar com a ocaia dos outros!

Tudo isso eram gritos sinceros, mas sem maldade, porque tudo estava peneirado, sessado pela água amandigada da música.

Pra donde que você me leva, poesia-uma-só? Pra donde que *você* me leva, mãe-d'água de uma só cacimba, Janaína de um só mar, Pedra-Pemba de um só altar?

MARIA DIAMBA

Para não apanhar mais
falou que sabia fazer bolos:
virou cozinha.

Foi outras coisas para que tinha jeito.

Não falou mais:

Viram que sabia fazer tudo,
até molecas para a Casa-Grande.

Depois falou só,
só diante da ventania
que ainda vem do Sudão;
falou que queria fugir
dos senhores e das judiarias deste mundo
para o sumidouro.

OLÁ! NEGRO

Os netos de teus mulatos e de teus cafuzos
e a quarta e quinta gerações de teu sangue sofredor
tentarão apagar a tua cor!

E as gerações dessas gerações quando apagarem
a tua tatuagem execranda,

não apagarão de suas almas, a tua alma, negro!

Pai-João, Mãe-negra, Fulô, Zumbi,

negro-fujão, negro cativo, negro rebelde

negro cabinda, negro congo, negro ioruba,

negro que foste para o algodão de U.S.A.

para os canaviais do Brasil,

para o tronco, para o colar de ferro, para a canga

de todos os senhores do mundo;

eu melhor compreendo agora os teus *blues*

nesta hora triste da raça branca, negro!

Olá, Negro! Olá, Negro!

A raça que te enforca, enforca-se de tédio, negro!

E és tu que a alegras ainda com os teus *jazzes*,

com os teus *songs*, com os teus lundus!

Os poetas, os libertadores, os que derramaram

babosas torrentes de falsa piedade

não compreendiam que tu ias rir!

E o teu riso, e a tua virgindade e os teus medos e a tua bondade

mudariam a alma branca cansada de todas as ferocidades!

Olá, Negro!

Pai-João, Mãe-Negra, Fulô, Zumbi
que traíste as Sinhás nas Casas-Grandes,
que cantaste para o Sinhô dormir,
que te revoltaste também contra o Sinhô;
quantos séculos há passado
e quantos passarão sobre a tua noite,
sobre as tuas mandingas, sobre os teus medos, sobre tuas
[alegrias!

Olá, Negro!

Negro que foste para o algodão de U.S.A.
ou que foste para os canaviais do Brasil,
quantas vezes as carapinhas hão de embranquecer
para que os canaviais possam dar mais doçura à alma humana?

Olá, Negro!

Negro, ó antigo proletário sem perdão,
proletário bom,
proletário bom!

Blues

Jazzes,

songs,

lundus...

Apanhavas com vontade de cantar,
choravas com vontade de sorrir,
com vontade de fazer mandinga para o branco ficar bom,
para o chicote doer menos,
para o dia acabar e negro dormir!
Não basta iluminares hoje as noites dos brancos com teus jazzes,

com tuas danças, com tuas gargalhadas!

Olá, Negro! O dia está nascendo!

O dia está nascendo ou será a tua gargalhada que vem vindo?

Olá, Negro!

Olá, Negro!

X

LIVRO DE SONETOS

A night of memories and of sighs
I consecrate to thee.

Walter Savage Landor

A

Adolfo Casais Monteiro
Alberto de Serpa
Carlos Queiroz
João de Barros
João Gaspar Simões
José Osório de Oliveira
José Régio
Maria da Saudade Cortesão
Vitorino Nemésio

Os seus enfeites,
Suas bandeiras,
O amplo velame
Dormem na sombra.

Os mastaréus
Furam a treva;
Na tarde fria
São como ogivas.

É um mudo rito,
Agudo, agudo
No ar nevoento.

E a nave suave
Parece uma ave
Insubsistente.

Apenas eu te aceito, não te quero
nem te amo, dor do mundo. Há honraria
que nos abate como um punho fero
mas aceitamos com sobrançaria.

A um vate grego certo rei severo
vazou-lhe os olhos para não fugir.
O dor do mundo, eu vivo como Homero,
aceito a provação que me surgir.

Homero a tua história sinto-a; e urdo
o teu destino, o meu e o de teu rei.
Mas só teus olhos nossos passos guias,

e inda tens vozes para o mundo surdo,
e luz para os outros cegos, luz que herdei
com a aceitação dos olhos que não viam.

Sinto-me salivado pelo Verbo,
rodeado de presenças e mensagens,
de santuários falhados e de quedas,
de obstáculos, de limbos e de muros.

Furo as noites e vejo-te, Solstício,
ou recolho-me ao âmago das coisas,
renovo um sacrifício expiatório,
lavo as palavras como lavo as mãos.

Esta é a zona sem mar e sem distância,
solidão-sumidouro, barro-vivo,
barro em que reconstruo sangues e vozes

Não quero interromper-me nem findar-me.
Desejo respirar-me no Teu sôpro,
aparecer-me em Ti, continuado.

Vereis que o poema cresce independente
e tirânico. Ó irmãos, banhistas, brisas,
algas e peixes lívidos sem dentes,
veleiros mortos, coisas imprecisas.

coisas neutras de aspecto suficiente
a evocar afogados, Lúcias, Isas,
Celidônias... Parai sombras e gentes !
Que este poema é poema sem balizas.

Mas que venham de vós perplexidades
entre as noites e os dias, entre as vagas
e as pedras, entre o sonho e a verdade, entre...

Qualquer poema é talvez essas metades :
essas indecisões das coisas vagas
que isso tudo lhe nutre sangue e ventre.

Este poema de amor não é lamento
nem tristeza distante, nem saudade,
nem queixume traído nem o lento
perpassar da paixão ou pranto que há-de

transformar-se em dorido pensamento,
em tortura querida ou em piedade
ou simplesmente em mito, doce invento,
e exaltada visão da adversidade.

É a memória ondulante da mais pura
e doce face (intérmina e tranqüila)
da eterna bem-amada que eu procuro;

mas tão real, tão presente criatura
que é preciso não vê-la nem possuí-la
mas procurá-la nesse vale obscuro.

Nas noites enluaradas cabeleiras
das moças debruçadas, dos sobrados
desciam como gatas borralheiras
por sôbre os nossos lábios descuidados.

Beijávamos os cachos; das olheiras
delas caíam prantos obstinados.
Calmávamos com êles as fogueiras
dos nossos próprios olhos assustados.

Românticos demais. Nós os meninos
urdíamos as tranças, e em seus braços
ouvíamos suspiros desolados.

Elas tinham soluços repentinos
e nos acalentavam nos regaços.
Ó meninos, ó noites, ó sobrados !

Nas noites enluaradas as olheiras
das donzelas suicidas dos sobrados
iluminavam aves agoureiras
e cães vadios tísicos e odiados.

E também vinham claunes embriagados
e sonâmbulas gatas borralheiras,
sombras errantes, sombras forasteiras,
rostos em cal e cinza transformados.

Nós éramos meninos evadidos
nas insônias das febres e das asma,
os olhos pelas noites acordados.

Musas de infância ungiam meus sentidos.
Eram musas infantis ou fantasmas ?
Ó meninos, ó noites, ó sobrados !